

1

SIL – 50 Anos no Brasil

Isaac Costa de Souza

Associação Lingüística Evangélica Missionária

e

Associação Internacional de Lingüística – SIL Brasil

Introdução pelos Organizadores

Neste capítulo introdutório, Isaac Costa de Souza aponta alguns dos destaques dos 50 anos de trabalho da SIL no Brasil. Ele menciona especialmente os obreiros da SIL que ensinaram lingüística nas universidades brasileiras durante a década de 1960, bem como aqueles que concluíram seus programas de mestrado e doutorado em algumas dessas universidades. Também são mencionados os acordos feitos com as instituições acadêmicas do Brasil, além da FUNAI, e os programas indígenas de educação. Algumas avaliações da contribuição da SIL feitas por acadêmicos brasileiros foram igualmente incluídas neste capítulo.

Na Apresentação do livro “as línguas amazônicas hoje”, F. Queixalós e Renault-Lescure afirmam que as cúpulas eclesiais e políticas visavam a extinção das línguas nativas das Américas, privilegiando os idiomas espanhol e português, conforme o caso, mas que os missionários no campo desejavam evangelizar nas línguas ameríndias (2000:5). Expressam que a modificação do viés destrutivo mudou somente na segunda metade do século XX, com apoio do fundador do *Summer Institute of Linguistics* (SIL),¹ William Cameron Townsend (idem).

Essa mudança de viés, que passou a promover a prática do devido respeito às línguas ameríndias, veio para o Brasil em 1956, com a chegada da SIL (Sociedade Internacional de Lingüística) no Rio de Janeiro, a convite do antropólogo Darcy Ribeiro. Como prova disso, a SIL chegou a trabalhar com 62 diferentes idiomas indígenas no Brasil.²

Além dessa contribuição, a presença da SIL em terras brasileiras foi determinante para o desenvolvimento da própria disciplina lingüística nos centros acadêmicos brasileiros. Alguns membros da SIL, na década de 60, estiveram entre os primeiros professores de lingüística em algumas universidades nacionais, como John Taylor, Loraine Bridgeman, Ivan Lowe e Carl Harrison. Nas décadas seguintes, outros membros da SIL, além dos já referidos, colaboraram em cursos universitários ministrando aulas ou orientando monografias de final de cursos de graduação, dissertações de mestrado e teses de doutorado, além de manuseio de programas de computador, entre os quais: David Fortune,³ Cheryl Jensen, Isaac Souza, Allen Jensen e Thomas Van Wynen. Entre os membros da SIL no Brasil, 11 concluíram doutorado, 32 concluíram mestrado e todos terminaram algum tipo de graduação.

Em 1981, durante uma aula sobre línguas Tupi, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP-SP), um ínclito professor, sem dúvida o maior conhecedor brasileiro de línguas ameríndias, expressou que a lingüística no Brasil podia ser dividida em dois momentos: antes e depois da chegada da SIL nesse país.

Antes da vinda da SIL, já havia cursos de lingüística em programas de Letras no Brasil. O primeiro professor dessa disciplina, em solo nacional, foi

¹A tradução desse nome para o português ficou Instituto Lingüístico de Verão, termo nunca usado de modo oficial. Posteriormente, aportuguesou-se, de maneira oficial, o nome inglês para Sociedade Internacional de Lingüística, a fim de que as iniciais coincidissem com as do inglês: SIL. Recentemente, a SIL mudou novamente seu rótulo para: Associação Internacional de Lingüística – SIL Brasil. A SIL não foi a única instituição indigenista que fez intercâmbio de nome em seu processo histórico: o Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI) mudou para Instituto Socioambiental (ISA).

²As informações sobre estatísticas e convênios foram repassadas por Kathy Jefferson – Arquivos da SIL.

³Não mais membro da SIL.

Joaquim Mattoso Câmara Jr.,⁴ que iniciou sua atividade docente na antiga Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, em 1938 (Mattoso Câmara 1975:VIII). A partir de 1948, principiou cursos sistemáticos de lingüística na Universidade do Brasil (id.). Apenas em 1960, tem-se notícias de um outro curso de lingüística no país, oferecido na Universidade do Paraná (ib.). Em dezembro de 1962, o curso de lingüística passou a ser obrigatório nos programas de Letras do Brasil (ib.).

Depois da chegada da SIL, um dos marcos iniciais para o estabelecimento definitivo da lingüística no Brasil deu-se com a criação, em 1961, do Setor de Lingüística no Departamento de Antropologia do Museu Nacional, pelo mesmo Joaquim Mattoso Câmara Jr., mas nesse caso com a participação ativa da SIL (Franchetto 2000:165). As duas instituições (Museu e SIL) mantiveram convênio de 12 de agosto de 1959 a 22 de dezembro de 1980, em um período de mais de 20 anos. O Setor de Lingüística, até os dias de hoje, possui um considerável acervo de documentação lingüística, incluindo publicações, inéditos e gravações, majoritariamente composto por produção da SIL (Franchetto 2000:175).⁵

A SIL também manteve convênio com a Universidade de Brasília (UnB), de 16 de maio de 1963 a 30 de novembro de 1979, perfazendo um total de mais de 15 anos. Em 1962, essa universidade havia iniciado o que pode ter sido o terceiro curso de lingüística no país (Mattoso Câmara 1975:VIII).

A SIL ainda celebrou convênio com a UNICAMP, de 11 de outubro de 1978 a 11 de outubro de 1984, em um total de seis anos. Nessa época, alguns membros da SIL, cumpridas todas as exigências acadêmicas, estudaram nessa universidade. Alguns deles, como Cheryl Jensen e Daniel Everett,⁶ tiveram os resultados de suas pesquisas (dissertação de mestrado e tese de doutorado, respectivamente) publicados pela editora da UNICAMP.⁷ Allen Jensen, outro aluno dessa universidade naquela época, teve sua tese de doutorado, em etnobiologia, publicada pelo Museu Emilio Goeldi, de Belém-PA. Daniel Everett chegou a lecionar na

⁴Nascido, no Rio de Janeiro, em 13/4/1904 e falecido, na mesma cidade, em 4/2/1970 (Mattoso Câmara 1975:VII).

⁵A coleta de dados efetuada por membros da SIL forneceu um banco de dados que possibilitou a reconstrução e a classificação de várias famílias lingüísticas por estudiosos interessados no assunto.

⁶Este último já não pertence ao quadro de membros da SIL.

⁷O trabalho de Cheryl Jensen foi tão relevante que, na apresentação do volume publicado, Aryon D. Rodrigues registra que: “Sua contribuição científica é igualmente importante para um mais profundo conhecimento de uma língua individual, o Wayampi [...] e para a *consolidação da reconstrução do Proto-Tupí-Guaraní*. Quaisquer novos estudos diacrônicos no âmbito da família Tupí-Guaraní hão de *fazer necessariamente referência a este trabalho*.” (ênfases minhas).

UNICAMP e tornou-se um lingüista bastante conhecido nos cenários nacional e mundial.⁸

Com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), a SIL manteve convênio por quatro vezes: de 31 de julho de 1969 a 30 de julho de 1973; de 29 de outubro de 1973 a 28 de outubro de 1976; de 21 de dezembro de 1983 a 20 de dezembro de 1985; e de 6 de setembro de 1988 a 5 de setembro de 1991, somando um total de 12 anos de contratos efetivos. Em 1977, surgiram acusações de diversas ordens contra esta organização, sem que nada se provasse – mesmo assim a FUNAI ainda celebrou por mais duas vezes convênios com a mesma depois dessa data.

Apesar de todos os percalços relacionados a permissões e dificuldades para coleta de dados em áreas indígenas, de acordo com Yonne Leite (apud Franchetto 2000:166), na época dos estudos estruturalistas no Brasil, a SIL conseguiu dar prosseguimento à produção de textos acadêmicas: três volumes (na verdade, quatro) do *Handbook of Amazonian Languages*, gramática Hixkaryana e trabalhos arquivados. Alguns membros da SIL produziram ainda livros ou monografias (a maioria publicados) de diversas ordens: fonética (Helga Weiss e Daniel Everett), lexicografia (Helga Weiss), fonologia (Gloria Kindell e David Eberhard), lingüística diacrônica (Desmond Derbyshire, Ivan Lowe e Cheryl Jensen), tipologia (Carl Harrison e Allen Jensen), educação (Sarah Gudschinsky, Gloria Kindell e Cheryl e Allen Jensen), educação-antropologia (Isabel Murphy), classificação genética de línguas (Dale Kietzman), análise do discurso (Ivan Lowe, Loraine Bridgeman, Margaret Sheffler e Robert Dooley), gramática (David Bendor-Samuel, Desmond Derbyshire,⁹ Joan Richards, Menno Kroeker e Daniel Everett), etnomatemática (Diana Green), etnobiologia (John Taylor, Gretchen Fortune, Mickey Stout,¹⁰ Evelyn Jackson e Allen Jensen) e mitos indígenas (Marjorie Crofts).

Franchetto fala (p.167) que, de acordo com Yonne Leite, entre os estudiosos de línguas ameríndias no Brasil se formou uma figura de dupla identidade: o lingüista-fazedor-de-escritas, que é ao mesmo tempo resultado da solicitação dos indígenas por uma lingüística aplicada a sua educação escolar e também um legado da SIL – legado que reflete, uma vez mais, o pioneirismo da SIL nesse tipo de questão indigenista. Ela registra que a SIL está na vanguarda na produção de cartilhas, manuais, gramáticas pedagógicas, pequenos vocabulários, livrinhos de textos, narrativas dos grupos indígenas (p.169).

⁸Não mais membro da SIL.

⁹Infelizmente, falecida. Em um obituário sobre Derbyshire, Pullum descereve-o como um pesquisador incansável, um lingüista capacitado, um cristão dedicado e um ser humano formidável.

¹⁰Infelizmente, falecida. Recebeu, *in memoriam*, homenagens especiais do povo Kayapó.

O depoimento de Franchetto revela algo extraordinário: uma organização limitada em sua liberdade de coleta de dados consegue permanecer até hoje como uma grande produtora de materiais em línguas indígenas, incluso descrições lingüísticas, materiais pedagógicos, livros de leitura, registros de mitos e vocabulários. Ela reconhece as limitações dentro das quais a SIL trabalha, e relata que nos últimos anos da década de setenta surgiram divergências entre a SIL a Funai e algumas universidades. Entretanto, a SIL continua no Brasil, “ativo mas silencioso” (p.180). Portanto, os 50 anos da SIL no Brasil não foram necessariamente fáceis.

Outra contribuição da SIL em termos de promoção da lingüística, segundo Franchetto, foram os cursos oferecidos por essa instituição em sua sede. De acordo com ela, tais cursos, “pioneiros e modelares” no gênero foram freqüentados em suas primeiras edições por pesquisadores brasileiros não missionários (p.178) – incluso a própria autora.

Como se pode ver, a SIL permeia a história da lingüística no Brasil. Em certo sentido, escrever uma historiografia lingüística brasileira significa registrar a história da SIL no Brasil.

Mas o trabalho da SIL, a partir do Brasil, não teve impacto somente na lingüística brasileira. As postulações lógicas estabelecidas por estudiosos de Universais da Linguagem e da Tipologia (segundo o modelo de Greenberg) de que era impossível existir línguas com objeto sintático em início de oração foram, inicialmente, contestadas por Desmond Derbyshire, membro da SIL, em uma aula de G. K. Pullum.¹¹ A produção de Derbyshire foi tão intensa que o maior conhecedor brasileiro de línguas ameríndias certa vez comentou que ele não deixou nada na língua Hixkaryana para ser analisado por outro pesquisador – comentário que não ouvi dele ou de qualquer outro pesquisador sobre nenhum outro lingüista trabalhando com qualquer língua.

Ainda em termos internacionais, a SIL teve participação ativa no lançamento do *Journal of Amazonian Languages*.

Outra face significativa da atividade da SIL relaciona-se à lingüística aplicada a programas de educação escolar indígena. Foi visto acima que ainda hoje essa instituição é a que retém a maior produção de material de alfabetização e leitura em línguas ameríndias no Brasil. Assim, inúmeras pessoas e povos foram beneficiados por esse material. Não haveria muito sentido se ao lado de sua atuação a nível nacional e internacional não houvesse também atividade a nível local, nas aldeias, *in loco*, entre as próprias etnias indígenas. Certa vez, um Karajá, ao ser questionado sobre a qualidade da educação escolar oferecida pela SIL em sua aldeia, disse estar agradecido pela eficiência da mesma, pois ele era fruto dela e só

¹¹Vide artigo de Pullum neste volume.

chegou onde tinha chegado por ter sido aluno daquele tipo de programa educativo. Os projetos educacionais dos Karajá e Kaingáng, organizados por membros da SIL, foram consideradas como modelos de educação escolar bilíngüe. Alguns anos atrás, Ursula Wiesemann, a então orientadora do programa bilíngüe entre os Kaingáng, começou a coordenar um projeto de preparo de auto-investigação lingüística pelos indígenas. Como pode ser percebido, a SIL está contribuindo para a inclusão indígena no universo acadêmico lingüístico.

A fim de comemorar seus 50 anos no Brasil, a SIL oferece ao público o presente livro com artigos produzidos por seus membros. Essa instituição possui um *site* <<http://www.sil.org/americas/brasil/PortHome.htm>> onde estão disponíveis diversos trabalhos de lingüística, antropologia e educação escritos também por alguns de seus afiliados. Todos estão convidados a fazer leitura deste volume e para visitar o referido *site*.

Referências

- Franchetto, Bruna. 2000. “O conhecimento científico das línguas indígenas da Amazônia no Brasil”. Em F. Queixalós e Renault-Lescure (orgs.), *As Línguas Amazônicas Hoje*, 165–182. São Paulo, IRD/ISA/MPEG.
- Franchetto, Bruna. 2001. “Línguas e História no Alto Xingu”. Em Bruna Franchetto e Michael Heckenberger (orgs.), *Os Povos do Alto Xingu – História e Cultura*, 111–156. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Mattoso Câmara (Jr.), Joaquim. 1975 (1972). *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.* Coleção Estante de Língua Portuguesa, Série Dispersos, No.1. 2a. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- Queixalós, F. e Renault-Lescure (orgs.). 2000. *As Línguas Amazônicas Hoje*. São Paulo: IRD/ISA/MPEG.
- Ribeiro, Darcy. 1993. *Aula Magna Proferida pelo Senador Darcy Ribeiro*. Em *Universa – Revista das Faculdades Integradas da Católica de Brasília*. Vol. 1. Brasília, Outubro.